

## Investigando o *Cyberbullying* Entre Estudantes do Ensino Médio: Um Estudo no IFRN - Parelhas/RN

Jaciane C. dos Santos, Leticia M. da Silva, Lidiane M. C. Queiróz, Francisco G. Silva

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN)  
R. Dr. Mauro Duarte, s/n - José Clóvis, 59360-000 - Parelhas - RN

{jacianecristinal25, leticial62337, lydianemaysa}@gmail.com,  
genivan.silva@ifrn.edu.br

**Abstract.** *Cyberbullying is a subject of great relevance today and its practice among adolescents and young people tends to cause great inconvenience. Based on this statement, this work investigated among students of the IFRN campus Parelhas how much and how cyberbullying is present in their daily lives. This work also presents a proposal for a computational solution, a chatbot, as a channel to broaden discussions on the topic. The research is of the exploratory type and the data that support it were collected through an electronic questionnaire. We obtained answers from 80 students and as results, among others found, we identified that 71.6% of respondents have knowledge about cyberbullying and that 4 out of 10 students identify themselves as victims of this practice.*

**Resumo.** *O cyberbullying é um assunto de grande relevância na atualidade e sua prática entre adolescentes e jovens tende a causar grandes transtornos às vítimas dessa ação. Partindo dessa afirmação, este trabalho investigou, entre estudantes do IFRN – campus Parelhas, o quanto e de que forma o cyberbullying se faz presente no cotidiano. Este trabalho apresenta ainda uma proposta de solução computacional, um chatbot, como canal para ampliar as discussões sobre o tema. A pesquisa é do tipo exploratória e os dados que a embasam foram coletados através de questionário eletrônico. Obtivemos respostas de 80 estudantes e, dentre outros resultados encontrados, identificamos que 71,6% dos respondentes têm conhecimento sobre o tema cyberbullying e que 4 entre 10 estudantes se identifica como vítima dessa prática.*

### 1. Introdução

A comunicação é uma necessidade, tendo em vista que, em grande parte, ela que torna viável a vida em sociedade desde os tempos mais remotos. Trocar informações, registrar fatos, expressar ideias e emoções são fatores que contribuíram para a evolução das formas de se comunicar. Assim, com o passar do tempo, o homem aperfeiçoou e mudou sua forma de se relacionar com o outro.

O desenvolvimento e o avanço das tecnologias da informação e comunicação (TIC) faz com que esses meios possuam cada vez mais espaço na comunidade, o que traz consigo aspectos promissores, como a facilidade e rapidez na comunicação e na

transmissão de informações. Esse fato levou Ribeiro *et al.* (2011) a afirmarem que os exponenciais aumentos do uso das TIC se repercutem em diversos fenômenos sociais que acompanham essa evolução, pautados nas implicações do uso das tecnologias.

Não obstante, esses constantes avanços podem, em contrapartida, proporcionar o surgimento de aspectos comportamentais negativos em parte da população. Esses aspectos estão intrinsecamente relacionados à sensação de liberdade desmedida que os meios e aparatos tecnológico propiciam.

É nesse cenário de novos fenômenos sociais, conseqüentes das implicações do uso das tecnologias (Martí-Vilar *et al.*, 2013), que contextualizamos o *cyberbullying* como uma nova manifestação do *bullying*, ocorrendo por meio do uso de tecnologias modernas, como dispositivos móveis e internet (Slonje e Smith, 2008).

Segundo Smith (2008), o *cyberbullying* é “um comportamento agressivo e deliberado, frequentemente repetido ao longo do tempo, realizado por um grupo ou por apenas um indivíduo, que se utilizam de meios eletrônicos para fazer comentários depreciativos a respeito de alguém – a vítima”. Devido à recente popularização dos meios de comunicação, esse problema tem se evidenciado e é possível verificar também um aumento significativo no número de casos.

Dito isso, é preciso destacar que o *cyberbullying* é um campo de estudo muito amplo e que está diretamente relacionado a áreas do conhecimento como a Psicologia, que aborda o comportamento humano e suas emoções, a Sociologia, que estuda as relações e os conflitos sociais entre os indivíduos, e as Ciências da Computação, quando se trata do meio de difusão ao qual a questão está atrelada.

Nesse sentido, alguns trabalhos têm verificado que o *cyberbullying* possui reflexos, inicialmente, na qualidade da aprendizagem dos estudantes, trazendo conseqüências à saúde psíquica e ao ajustamento psicológico (Hinduja e Patchin, 2010; Molcho *et al.*, 2009), levando a angústia, depressão e baixa autoestima (Mason, 2008; Schenk e Fremouw, 2012; Ybarra e Mitchell, 2004; Ybarra *et al.*, 2006). Mesmo diante de estudos que evidenciam as conseqüências do *cyberbullying*, há a percepção de distanciamento entre esse saber científico e as reais personagens envolvidas em práticas dessa natureza.

A ausência de um processo de conscientização amplo e sistemático tem colocado em xeque o conceito e a função social do espaço educativo que é a escola, comprometendo o que deveria ser a identidade do ambiente educacional: um lugar de sociabilidade positiva, de aprendizagem, de construção e de solidificação de valores éticos, de formação de espíritos críticos, pautados no diálogo e no reconhecimento da diversidade (Abromovay e Rua, 2002).

Tendo em vista a carência de um levantamento de dados mais preciso sobre a incidência do *cyberbullying* entre estudantes do ensino médio e sobre a falta de políticas institucionais para o enfrentamento desse problema, este trabalho traz uma reflexão fundamentada na literatura e na visão dos próprios estudantes acerca desse fenômeno social.

Assim, é preciso enfatizar que este trabalho não pretende fornecer um instrumento para o tratamento psíquico nem almeja ser o único meio para o enfrentamento do *cyberbullying*, pois, além disso estar fora do escopo planejado, existe

uma série de características que torna essa prática difícil de ser completamente solucionada, principalmente se abordada de forma unidimensional.

Uma das características que torna o *cyberbullying* uma prática difícil de ser combatida está relacionada ao meio tecnológico em que se insere. A internet é um “local” de difícil fiscalização das ações de seus usuários e os agressores arvoram-se na (falsa) sensação de invisibilidade e de impunidade. Além desse fator, existe uma outra complicação: a quantidade significativa de vítimas que prefere omitir informações, o que torna o diagnóstico da situação complexo de ser efetuado e mensurado. Sendo esse mapeamento situacional parte essencial para a implantação de métodos de combate e de ajuda às vítimas, as soluções esbarram nesses empecilhos.

Nesse sentido, buscamos desenvolver um trabalho cujo propósito fundamental foi mapear o nível de conhecimento dos alunos sobre o tema e identificar papéis desempenhados por eles, detalhando suas características, bem como as consequências emocionais relatadas pelos participantes. Como consequência da realização deste trabalho, houve também um processo de conscientização de estudantes e de sensibilização da instituição de ensino.

## **2. Referencial Teórico**

Devido ao grande crescimento do uso das tecnologias da informação e comunicação (TIC), o estudo do *cyberbullying* vem ganhando destaque no meio acadêmico. Acredita-se que o termo foi inicialmente mencionado por Bill Belsey, educador canadense, que definiu o fenômeno como o uso das TIC, seja por uma pessoa ou um grupo, de forma deliberada, repetitiva e hostil, com a intenção de prejudicar uma pessoa ou um grupo (Belsey, 2005).

Para Novo (2009), o fenômeno é caracterizado como todas as ações intencionais e repetidas, levadas a cabo por terceiros, para molestar, humilhar, denegrir ou assediar um indivíduo usando recursos tecnológicos. As ações podem manifestar-se das mais variadas formas, sobretudo através de imagens, textos verbais ou mesmo áudio e/ou vídeo. “Os efeitos que produzem vão desde o isolamento social, insucesso escolar, perturbações do sono, na alimentação, às tentativas de suicídio ou suicídio propriamente consumado” (Souza, 2011, p. 7).

Todavia, segundo Langos (2012), ainda não se chegou a um consenso com relação aos aspectos teóricos e conceituais que estão compreendidos por esse fenômeno em sua complexidade.

Em termos de incidência, podemos afirmar, de acordo com estudos realizados, que essa prática está presente em todos os contextos e culturas, afetando de forma transversal todos os níveis de escolaridade. Apesar dessa amplitude do fenômeno, Shetgiri *et al.* (2013) salientam uma significativa mudança na prevalência do *cyberbullying* relativa a sua forma de manifestação e ao tipo de envolvimento, verificando-se uma maior prevalência do *bullying/cyberbullying* nos anos de transição escolar (Castillo, 2010; Souza, 2011).

### **2.1. Enfrentamento do *cyberbullying***

Os questionamentos e as propostas de intervenção acerca do *cyberbullying* concentram-se, principalmente, em como intervir no ambiente em que acontece: a internet. A natureza descentralizada e vasta da internet acaba por deixar a tarefa de

combater práticas de *cyberbullying* expressivamente complexa. Conforme afirma Clemente (2010), os ataques dessa natureza têm maior repercussão devido à rapidez com que as mensagens se espalham, tornando os efeitos ainda mais devastadores e duradouros.

O crescente número de crianças e de adolescentes que utilizam a internet diariamente é mais um ponto que merece atenção e que tem grande importância quando se pretende listar os fatores que influenciam as práticas de *cyberbullying*. Levando em consideração que, quanto mais jovens iniciarem suas atividades no vasto ambiente virtual e menos informados estiverem sobre os possíveis desafios que irão encontrar, maiores serão as chances de que os jovens tenham experiências desagradáveis e que essas tragam mais malefícios que benefícios.

As práticas recomendadas por profissionais que lidam com essa temática sugerem a utilização do conhecimento atrelado ao acompanhamento atento dos pais, “o que inclui a elaboração de normas, restrições, orientações e táticas sociais, bem como de supervisão ou monitoramento”. (Maidel, 2015, p. 295).

Com isso, percebe-se que, quanto mais informados sobre um problema e maior for o acompanhamento dos pais, menor é o risco de que a criança ou o adolescente venha a praticar/participar de algum ato repreensível.

Tratando-se de iniciativas que visam ao desenvolvimento de mecanismos eficazes para o combate ao *cyberbullying*, podemos afirmar que a maioria delas tem sua origem nos Estados Unidos e em países europeus. Uma dessas iniciativas teve início em 2008 e tem gerado, ao longo dos anos, ferramentas como o *CyberTraining*, que resultou no desenvolvimento de um Manual em múltiplos idiomas para formadores na área do *cyberbullying*. (Pessoa *et al*, 2011)

Um projeto como o *CyberTraining* tem grande relevância para a temática, uma vez que são poucas as iniciativas conhecidas capazes de surtir um efeito duradouro e bem embasado diante da complexidade do *cyberbullying*. Treinar profissionais de educação para lidar com esse problema desde os primeiros anos de ensino mostra-se uma intervenção inteligente e promissora para fortalecer o combate a situações dessa natureza, mas deve-se, principalmente, preveni-las e, posteriormente, os danos que viriam a ser causados pelo *cyberbullying*.

Ao mesmo tempo, começam a surgir estudos com o objetivo de identificar os fatores de risco e de proteção que estão associados ao *cyberbullying* (Fanti *et al.*, 2012; García-Maldonado *et al.*, 2012; Menesini e Spiel, 2012; Sticca *et al.*, 2013). Um dos aspectos relevantes comuns em parte desses estudos diz respeito à abordagem ecológica do *cyberbullying*, demonstrando que o meio ambiente social, incluindo a escola, é um fator relevante a ser estudado e que se relaciona com o risco de ocorrência e com a solução do problema.

Nesse sentido, as instituições de ensino precisam articular políticas de prevenção e de intervenção de uma forma consciente, responsável e democrática, para que, quando ocorram casos graves de *bullying/cyberbullying*, todos estejam preparados para atuar com responsabilidade social e de forma segura (Oliveira e Gomes, 2012).

### 3. Metodologia

A primeira etapa do nosso trabalho foi o aprofundamento dos conceitos ligados à temática através de uma revisão da literatura, a qual forneceu o embasamento conceitual necessário ao desenvolvimento das fases seguintes. Para tanto, foram realizadas pesquisas em periódicos e em anais de eventos da área de informática e de outras áreas que englobam o assunto, como psicologia e sociologia. Feito isso, foi possível conhecer conceitos-chave, além de podermos ter contato com formas de abordagem do tema, algo necessário para que pudéssemos pensar em como nosso trabalho poderia contribuir para o desenvolvimento de soluções na área.

Após a revisão, elaboramos e aplicamos um questionário com os alunos dos cursos integrados do *Campus* do IFRN de Parelhas. Esse instrumento foi desenvolvido para responder a três grandes questões quanto ao *cyberbullying*: i) o que sabem e pensam os estudantes do ensino médio acerca da temática; ii) quais são os perfis representados por eles (vítimas, agressores, espectadores); e iii) como o *cyberbullying* tem afetado suas vidas. O questionário foi elaborado com base nas teorias identificadas na etapa anterior e foi explicado e disponibilizado aos estudantes via e-mail e presencialmente em cada sala de aula. Por se tratar de uma temática sensível, o questionário não exigia identificação dos estudantes, de modo que pudessem se sentir confortáveis quanto aos dados que estavam fornecendo. Dos cerca de 270 discentes que compõem o ensino médio integrado do *campus*, alcançamos ao todo 80 respondentes, o que corresponde a 30% do total.

Assim, a terceira etapa do projeto consistiu na tabulação e na aplicação de estatística descritiva sobre os dados para serem analisados em seguida.

A etapa seguinte consistirá na criação de uma solução computacional para ajudar no enfrentamento ao *cyberbullying* na escola, um *chatbot*<sup>1</sup>. Essa etapa do trabalho ainda está em desenvolvimento e com ela pretendemos criar um meio mais interativo e dinâmico para que adolescentes e jovens possam obter informações a respeito da temática.

Como etapa final do projeto, pretendemos realizar um estudo através do qual estudantes testarão as funcionalidades e as características do *chatbot* desenvolvido. Para tanto, será levantado um conjunto de métricas que permitirão avaliar a efetividade, a aceitabilidade e a usabilidade da ferramenta desenvolvida.

### 4. Resultados e Discussão

Os resultados já encontrados em nossa pesquisa dizem respeito aos dados coletados com a aplicação do questionário, os quais servem para verificar o perfil dos estudantes do *campus* de Parelhas, seja com relação ao nível de conhecimento da temática, seja para a identificação do número de possíveis vítimas e agressores.

Verificou-se que a média de idade dos respondentes é 16 anos e a análise dos dados coletados permitiu responder às três questões levantadas. A primeira delas diz respeito ao grau de informação dos alunos com relação à temática: 71,6% dos respondentes sabem do que se trata. Dessa forma, fica claro que o *cyberbullying* é uma

---

<sup>1</sup> um sistema de software que interage ou conversa (*chat*) com humanos em linguagem natural, como o português (Shawar e Atwell, 2007).

prática reconhecida entre os respondentes. Esse número, apesar de alto, ainda é menor que o de estudantes que afirmam saber apenas o que é *bullying*: 97,7%. Esses percentuais permitem conjecturar que os estudantes podem não reconhecer as práticas do *cyberbullying* como atos de violência equivalentes ao *bullying* “tradicional”. Sobre os conceitos que tangenciam a prática do *cyberbullying*, 33,3% afirmam não conhecer os termos *hater* ou *stalker*, o que demonstra a necessidade de trazer mais informações sobre conceitos adjacentes ao tema principal.

O segundo questionamento diz respeito aos papéis desempenhados pelos estudantes, ou seja, se eles se consideram vítimas, agressores ou espectadores frente ao *bullying*. Quanto a esse tópico, a pergunta a respeito de se já presenciaram ou se conhecem alguém que já foi vítima de comportamentos e atos ofensivos em meio digital, 87,7% afirmaram que sim. O percentual daqueles que afirmaram com certeza já terem sido vítimas das práticas características do *cyberbullying* chegou a 39,5%; outros 30,9% consideram que, talvez, possam ter sido vítimas. Entre esses dois grupos, 41,1% alegam ter passado por isso mais de uma vez. Desse modo, embora não seja possível afirmar que todos os que dizem ter sido vítimas sofreram efetivamente *cyberbullying*, os números chamam a atenção por serem consideravelmente altos e por estarem acima do percentual identificado em pesquisas realizadas na Europa (Livingstone *et al* 2011) e na América do Norte (Englander, 2010; Ybarra, Diener-West e Leaf, 2007), que foi de 10%. Mesmo no Brasil, em pesquisa realizada pela Intel (Intel, 2015), esse número chegou a “apenas” 21%, consideravelmente abaixo dos quase 40% levantados aqui. Quanto aos prováveis agressores, isto é, àqueles que afirmam já terem cometido alguma ação que possa ter incomodado ou chateado alguém, o percentual foi de 28%.

O terceiro e último aspecto está relacionado às possíveis implicações para os agressores: 44,2% afirmam não saber que existem leis para punir esse tipo de atitude ou quais medidas devem ser tomadas diante dele. Essa falta de informação quanto às consequências penais para agressores pode contribuir para o crescimento da sensação de impunidade e, assim, para a perpetuação da violência. Os números apresentados reforçam o que foi levantado na literatura: aumento no número de casos, difícil identificação de vítimas e de agressores, desinformação.

Uma outra fase, ainda não concluída, da pesquisa é a criação de um *chatbot* para discussão do tema. Esse artefato ainda está em fase de desenvolvimento e, por essa razão, ainda não é possível apresentar resultados quanto à sua efetividade.

## 5. Considerações Finais

O *cyberbullying* é um problema complexo presente na atual sociedade, mas que, muitas vezes, passa despercebido devido à desinformação e à dificuldade na identificação de casos e de vítimas. Na tentativa de contribuir para a resolução do problema do *cyberbullying*, levantamos dados que ajudaram a desenhar um perfil atual dos estudantes a respeito do assunto. Ações institucionais podem ser planejadas com base nos dados apresentados, o que aumenta as chances de serem realizadas com sucesso.

Desse modo, a realização deste estudo serviu também como um instrumento para a disseminação de informações visando à conscientização sobre a importância do debate e da necessidade da criação de projetos que capacitem gestores e educadores acerca do tema.

Quando concluído, o *chatbot* será uma ferramenta projetada para o mesmo meio em que essa prática acontece, a internet. Como isso, tencionamos propor uma solução tecnológica capaz de criar um canal de comunicação dinâmico para interagir com os usuários a fim de esclarecer dúvidas das comunidades acadêmica e externa sobre o *cyberbullying*.

A proposta deste trabalho foi explorar e trazer dados que demonstram e que apresentam a realidade vivenciada no ambiente escolar, de modo particular no IFRN. A este ponto, ponderamos que, embora não seja possível generalizar os resultados encontrados aqui, estes não tendem a destoar de outras escolas ou de outras cidades do Brasil.

Dada as implicações e o alcance dessa modalidade de violência, é oportuno afirmar que também se faz primordial uma ação sistemática e prolongada de toda a sociedade para oportunizar a mudança de conceitos e aspectos culturais intimamente relacionados à aceitação e ao respeito que se deve ter com relação a todo e qualquer tipo de diversidade humana. Partimos, assim, da premissa de que o melhor meio de evitar comportamentos como o *cyberbullying* é estimular a conscientização e o respeito incondicional às diferenças em todos os ambientes e desde os primeiros anos da infância.

## Referências

- Abromovay, M.; Rua, M. D. G. (2002) *Violências nas escolas*. UNESCO. Brasília.
- Belsey, B. (2005) “Cyberbullying: An emerging threat to the always on generation”. Disponível em: [http://www.cyberbullying.ca/pdf/Cyberbullying\\_Article\\_by\\_Bill\\_Belsey.pdf](http://www.cyberbullying.ca/pdf/Cyberbullying_Article_by_Bill_Belsey.pdf). Acesso em 15 de março de 2018.
- Castillo, A. E. (2010) “Estudio descriptivo de las estrategias de afrontamiento del bullying, en profesorado mexicano”. *Electronic Journal of Research in Educational Psychology*. p. 353-372.
- Clemente, L. V. (2010) *Cyberbullying*. 44 f. Monografia – Centro Universitário de Brasília. Faculdade de Tecnologia e Ciências Sociais Aplicadas – FATECS.
- Englander, E. K. (2010) Editorial for the special issue on cyberbullying. *Journal of Social Sciences*, 6(4), p. 508-509.
- Fanti, K. A. et al. (2012) A longitudinal study of cyberbullying: examining risk and protective factors. *European Journal of Developmental Psychology*. 9th edition. p. 168-181. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1080/17405629.2011.643169>>. Acesso em 15 de março de 2018.
- García-Maldonado, G. et al. (2012) “Factores de riesgo y consecuencias del cyberbullying en un grupo de adolescentes: Asociación con bullying tradicional”. *Boletín médico del Hospital Infantil de México*. p. 463-474. Disponível em: <[http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci\\_arttext&pi-d=S1665-11462012000600007&nrm=iso](http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pi-d=S1665-11462012000600007&nrm=iso)>. Acesso em 15 de março de 2018.
- Hinduja, S.; Patchin, J. W. (2010) Bullying, cyberbullying, and suicide. *Arch Suicide Res*, v. 14, n. 3, p. 206-21.

- Intel. (2015) Realidade cibernética: O que os pré-adolescentes e adolescentes estão fazendo online.
- Langos, C. (2012) Cyberbullying: the challenge to define. *Cyberpsychology, behavior and social networking*, v. 15.
- Livingstone, S. et al with members of the EU Kids Online Network. (2011) Risks and safety on the internet. The perspective of European children. Disponível em: <[http://www2.lse.ac.uk/media@lse/research/EUKidsOline/EUKidsII%20\(2009-11\)/EUKidsOlineIIRreports/D4FullFindings.pdf](http://www2.lse.ac.uk/media@lse/research/EUKidsOline/EUKidsII%20(2009-11)/EUKidsOlineIIRreports/D4FullFindings.pdf)>. Acesso em 15 de março de 2018.
- Maidel, S. (2015) Mediação parental do uso da internet pelas crianças. *Psicologia em Revista*, v. 21, p. 293–313.
- Martí-Vilar, M., Martí Noguera, J. J., Vargas, O. & Llinares, L. (2013) La universidad ¿en la era del conectivismo? un abordaje a las implicaciones de la investigación, la formación y la transferencia. *Revista @ mbienteeducaçao* v. 6, n. 2, p. 210-223
- Mason, K. L. (2008) Cyberbullying: A preliminary assessment for school personnel. *Psychology in the Schools*, v. 45, n. 4, p. 323-348. Disponível em: < <http://dx.doi.org/10.1002/pits.20301> >
- Menesini, E.; Spiel, C. (2012) Introduction: cyberbullying: development, consequences, risk and protective factors. *European Journal of Developmental Psychology*, v. 9, n. 2, p. 163-167. Disponível em: < <http://dx.doi.org/10.1080/17405629.2011.652833> >.
- Molcho, M., Craig, W., Due, P. et al. (2009) Cross-national time trends in bullying behaviour 1994-2006: findings from Europe and North America. *Int J Public Health*, v. 54 Suppl 2, p. 225-234.
- Novo, C. (2009) Bullying e as tecnologias da comunicação: do uso ao abuso. *Revista Interacções*. 5ª edição. p. 327-337.
- Oliveira, J. R. e Gomes, M. A. (2012) Bullying: reflexões sobre a violência no contexto escolar. *Revista Educação por Escrito*. 2ª edição. p. 2-14.
- Pessoa, T.; Matos J. A. e Jäger, T. (2011) Cyberbullying – do diagnóstico de necessidades à construção de um manual de formação. *Revista Interuniversitaria* v. 18, p. 57-70.
- Ribeiro, K. R., et al. (2011) “Bullying e cyberbullying: estudo bibliométrico quantitativo e temporal das publicações nacionais e internacionais”. Confederación Iberoamericana de Asociaciones Científicas y Académicas de la Comunicación. São Paulo. p. 1-10
- Schenk, A. M. e Fremouw, W. J. (2012) Prevalence, psychological impact, and coping of cyberbully victims among college students. *Journal of School Violence*, v. 11, n. 1, p. 21-37. Disponível em: < <http://dx.doi.org/10.1080/15388220.2011.630310>>
- Shawar, B. A. e Atwell, E. (2007) Different measurements metrics to evaluate a chatbot system. *NAACL-HLT-Dialog '07 Proceedings of the Workshop on Bridging the Gap: Academic and Industrial Research in Dialog Technologies*. p. 89-96. Rochester, New York.
- Shetgiri, R., et al. (2013) Trends in risk and protective factors for child bullying perpetration in the United States. *Child Psychiatry Hum Dev*. p. 89-104.



- Slonge, R.; Smith, P. K. (2008) Cyberbullying: Another main type of bullying?. *Scandinavian journal of Psychology*. p. 147-154.
- Smith, P. (2008) School Bullying. Artigo científico - Universidade de Londres, Londres, Reino Unido. 18 pág. Disponível em: <[www.scielo.gpeari.mctes.pt/pdf/spp/n71/n71a05.pdf](http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/pdf/spp/n71/n71a05.pdf) >. Acesso em: 21 de março 2018
- Souza, S. B. (2011) Cyberbullying: estudo exploratório sobre as perspectivas acerca do fenómeno e das estratégias de enfrentamento com jovens universitários portugueses. Universidade de Lisboa, Faculdade de Psicologia. Lisboa.
- Sticca, F. et al. (2013) Longitudinal risk factors for cyberbullying in adolescence. *Journal of Community & Applied Social Psychology*. p. 52-67. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1002/casp.2136> >. Acesso em 15 de março de 2018.
- Ybarra, M. L. et al. (2006) Examining Characteristics and Associated Distress Related to Internet Harassment: Findings From the Second Youth Internet Safety Survey. *Pediatrics*, v. 118, n. 4, p. e1169-e1177, Disponível em: <<http://pediatrics.aappublications.org/content/118/4/e1169.abstract> >.
- Ybarra, M. L.; Mitchell, K. J. (2004) Online aggressor/targets, aggressors, and targets: a comparison of associated youth characteristics. *J child Psychol Psychiatry*, v. 45, n. 7, p. 1308-16.
- Ybarra, M.L., Diener-West, M., e Leaf, P.J. (2007) Examining the overlap in Internet harassment and school bullying: Implications for school intervention. *Journal of Adolescent Health*, 41, 42-50. Google Scholar, Crossref, Medline, ISI.